

25.2  
4527

ARNON DE MELLO  
SENADOR DA REPÚBLICA

# EMIGRAÇÃO DE CIENTISTAS

GRÁFICA EDITORA SÃO PEDRO  
MACEIÓ — ALAGOAS



ARNON DE MELLO  
SENADOR DA REPÚBLICA

# EMIGRAÇÃO DE CIENTISTAS

GRÁFICA EDITORA SÃO PEDRO  
MACEIÓ — ALAGOAS



Sr. Presidente: (\*)

Um dos assuntos que mais me preocupou nesta longa viagem que empreendi por quatro continentes, em honrosa missão do Senado, foi a situação dos nossos cientistas, tecnólogos e técnicos. Saíra eu do país em setembro de 1967, pouco depois do Sr. Secretário Geral do Itamarati haver promovido em Washington, com a presença do representante do Sr. Ministro da Educação, o Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, uma reunião de numerosos cientistas brasileiros, que trabalham nos Estados Unidos e que se exilaram em virtude de não encontrarem aqui mercado de trabalho. Pretendia o Governo recuperá-los, e aquêle diplomata foi incumbido de ouvi-los sôbre a motivação do êxodo e as providências a serem tomadas para evitá-lo.

Alcançou a iniciativa do nosso Governo a maior repercussão no campo internacional. Por onde andei, lá estava o assunto despertando interêsse, não sômente nos meios brasileiros mas também nos estrangeiros. Em Londres, o repórter da *United Press*, que me entrevistou, logo quis saber das medidas já postas em prática para o regresso dos nossos cientistas. Na China, a mesma pergunta me fêz o jornalista que me procurou. Grande era a admiração pelo gesto do nosso Governo, e maior a curiosidade em saber como se processaria o retôrno.

Na Europa, encontrei os primeiros cientistas brasileiros, impressionados com tais notícias e esperançosos de poderem contribuir para o desenvolvimento do país.

---

(\*) Discurso pronunciado na sessão do dia 6-3-1968 no Senado Federal, em Brasília.

Quando cheguei aos Estados Unidos, dois meses já eram passados da reunião de Washington, mas o assunto continuava bem vivo, os cientistas ansiosos pelos resultados das demarches.

## DEFINIÇÃO DO PRESIDENTE

Ao assumir o Marechal Costa e Silva a Presidência da República, nomeado Ministro das Relações Exteriores o Sr. Magalhães Pinto, hasteou o Chefe da Nação, secundado pelo seu Chanceler, a bandeira do desenvolvimento científico e tecnológico, fazendo, a começar de 17 de março, dois dias depois de sua posse, na primeira reunião do Ministério, e pouco depois, no próprio Itamarati, estas declarações positivas:

“... A nossa diplomacia deverá visar como objetivos não só à conquista de recursos externos senão também à maior soma de cooperação estrangeira, quer sob a forma de meios materiais, quer de auxílios técnicos, para propiciar intensa participação do Brasil na revolução científica e tecnológica dos nossos dias. Nesse contexto, a energia nuclear desempenhará um papel relevante e poderá vir a ser uma das mais poderosas alavancas a serviço do nosso desenvolvimento econômico. De outro modo, ainda não libertos de uma forma de subdesenvolvimento, iremos rapidamente afundando em uma nova e mais perigosa modalidade dêle, que seria o subdesenvolvimento científico e tecnológico.” (Brasília, 17 de março de 1967. Primeira Reunião Ministerial).

“Devemos ter consciência de que o programa do nosso desenvolvimento tem de ser feito no quadro da revolução científica e tecnológica, que abriu para o mundo a idade nuclear e espacial. Nessa nova era, que começamos a viver, a ciência e a tecnologia condicionarão, cada vez mais, não apenas o progresso e o bem-estar das nações, mas a sua própria independência.”

“A meta será colocar a serviço da melhoria das condições de vida do povo as forças portentosas que se encontram no átomo.”

“A ação diplomática de meu Governo visará, em todos

os planos, bilaterais e multilaterais... e, — de particular importância — à cooperação necessária à rápida nuclearização pacífica do país.” (Palácio Itamarati, Brasília, pronunciamento sobre Política Externa, em 6 de abril de 1967).

## A SEGURANÇA INTERNA

Ao ensejo da assinatura do contrato de construção da Usina Hidrelétrica da Ilha Solteira, frisava em discurso o Sr. Presidente da República:

“A utilização pacífica da energia atômica será fator preponderante do desenvolvimento nacional, interessando à segurança interna e também à perspectiva de progresso de toda a América Latina.”

Estribado nas diretivas traçadas pelo Sr. Presidente da República, de acordo com os imperativos dos novos tempos, fortalecido no seu apoio e honrando-lhe as palavras, o Sr. Ministro das Relações Exteriores não se tem cansado de reafirmar os propósitos de S. Ex<sup>ª</sup>. A 7 de junho de 1967, em almôço que ofereceu a cientistas brasileiros no Itamarati, assim começava sua oração o nosso Chanceler:

“Em seu discurso de 5 de abril no Itamarati, em Brasília, o Presidente Costa e Silva conclamou os brasileiros ao esforço gigantesco de completar aceleradamente a Revolução Industrial do Século XIX, se não quisermos ter o Brasil irremediavelmente atrasado na Revolução Tecnológica de nossos dias, se não quisermos vê-lo reduzido paulatinamente à condição de mero importador de técnicas alheias, eterno pagador de *royalties*, sujeito finalmente a uma nova espécie de subordinação — o colonato da Era Atômica Espacial.”

## DESENVOLVIMENTO GLOBAL

Sr. Presidente:

Ainda quando candidato à Presidência da República, o atual Chefe da Nação deu sempre ênfase, em suas manifestações, *ao homem* como fator de desenvolvimento.

“Envidaremos todos os nossos esforços — dizia S. Ex<sup>a</sup> em 26 de maio de 1966, na Convenção da ARENA, em Brasília — no sentido de realizar o desenvolvimento na base do homem como ser livre, como pessoa humana, na sua dignidade de filho do mesmo Deus. Desenvolvimento econômico e desenvolvimento social, desenvolvimento global, que não se limite à elevação dos índices de produção, mas vise prioritariamente à integração social e econômica do povo, dando-lhe acesso aos bens essenciais da vida, sem discriminações.”

O bem-estar do homem, o destino do homem, é claro que, desde o seu nascimento, se liga fundamentalmente à ciência através da alimentação, da saúde, da educação, do trabalho. Assim tem sido ao longo dos tempos e agora mais do que nunca. Como diz Robert Oppenheimer, a quem tanto se devem os avanços da energia atômica, “pobreza foi sempre uma coisa horrenda e, levada aos extremos, uma coisa desesperadora. Hoje é uma maldade, pois que está nas mãos do homem e nos seus corações vencê-la. A ciência pode, pela primeira vez na história, dotar-nos dos meios de acabar com a fome para todos na terra.”

E Pierre Curie já antes o afirmava a Jean Perrin: “A ciência há de criar tanta fonte de riqueza e bem-estar que os próprios problemas sociais, que disso dependerem, acabarão por desaparecer.”

## SÉCULO DA CIÊNCIA

Srs. Senadores:

Recebemos na semana passada a Mensagem do Sr. Presidente da República, e nela nos alegrou ver — pela primeira vez em documento dêsse gênero — um capítulo especial sôbre pesquisa científica e tecnológica, demonstração de que S. Ex<sup>a</sup> continua atento ao problema. O que aí se anuncia não é evidentemente o necessário, mas o que lhe pareceu possível. “Não temos podido fazer milagres” — dirá, como D. Pedro, o Sr. Presidente da República. Mas S. Ex<sup>a</sup> sabe que o povo julga

o homem de Govêrno não pelo que faz mas pelo que êle, povo, espera que seja feito.

*O Sr. Mário Martins* — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não.

*O Sr. Mário Martins* — No início do seu discurso, V. Ex<sup>a</sup> relembra sua peregrinação por vários países e os diferentes contatos que manteve com pessoas especializadas ou não, para analisar o movimento que o Govêrno brasileiro estaria, neste momento, desenvolvendo no sentido de fazer retornar ao país os cientistas brasileiros que estão no exterior. Eu esperava que V. Ex<sup>a</sup>, além de dar as razões — algumas transparentes nas declarações de V. Ex<sup>a</sup> — que motivaram a ida desses patrióticos, dêsses cientistas para terras estranhas; além de transcrever os trechos, sobretudo do discurso do Presidente da República a favor do desenvolvimento tecnológico e científico brasileiro, e independentemente das congratulações de V. Ex<sup>a</sup> com as palavras contidas na mensagem do Sr. Presidente da República; eu esperava, repito, que viessem determinados depoimentos sôbre as razões que levaram o Brasil a sofrer essa evasão de técnicos e cientistas e, ao mesmo tempo, ver nascer uma barreira à entrada de técnicos estrangeiros no país. V. Ex<sup>a</sup> se recorda de que o Brasil perdeu duas grandes oportunidades para receber técnicos e cientistas estrangeiros. Uma foi por ocasião da revolução na Espanha. Homens que eram menos cientistas e mais professôres e laboratoristas, que são cientistas também, foram banidos, batidos na sua terra, e em massa, acorreram para o México que soube utilizá-los em favor do progresso. Depois, durante a guerra, e mesmo às vésperas dela, tivemos possibilidade de receber os cientistas perseguidos na Alemanha e em outros países invadidos pelas tropas e polícia nazistas. Naquela ocasião — e para êste ponto quero chamar a atenção de V. Ex<sup>a</sup> —, êsses cientistas alemães, tchecos, austríacos, preferiram ir para outros países, após terem feito sondagens por aqui. Muitos deles pretendiam vir para o Brasil, mas se decidiram pelos Estados Unidos e Inglaterra. Não, no caso, apenas pela circunstância do salário alto — que o salário, na ocasião, era secundário — mas sim em decorrência da segurança que sentiam indo para os Estados Uni-

\*dos ou Inglaterra: segurança como homens e segurança como cientistas. O que está acontecendo, neste momento, é que o Brasil não oferece uma faixa de segurança para o mundo de respeito aos seus cidadãos, de respeito à liberdade, às pesquisas dos seus cientistas. Quero acreditar que V. Ex<sup>a</sup>, nos sucessivos contatos que manteve, ouviu muitas vezes, apontado como causa determinante disso, o fato de o Brasil não ter capacidade material para pagar bem aos seus cientistas. Mas V. Ex<sup>a</sup> deve ter verificado porque eu verifiquei, sem me ter aprofundado no estudo da matéria como V. Ex<sup>a</sup> —, que muitos cientistas deixaram de vir para o Brasil por não lhes ser oferecida aqui segurança, segurança individual, segurança da sua família, segurança a êles como cidadãos, e, muito menos, segurança para estudos tecnológicos e científicos. Eu gostaria que V. Ex<sup>a</sup> que se vem revelando um estudioso e apaixonado da matéria — pois sei que quando V. Ex<sup>a</sup> se dedica a um assunto vai ao fundo —, eu desejaria que não se limitasse a examinar unicamente o aspecto da proteção ao técnico sob o ponto de vista material. E' preciso que o Govêrno dê também a garantia de que vai receber o cientista como cidadão; de que não vai interferir no seu trabalho, nem fazer com que êle não possa dormir descansado em casa, ou que êle venha a envergonhar-se de testemunhar fatos como os que aqui estamos sempre presenciando! E' fundamental para o trabalho de cientistas, de artistas e de intelectuais que se crie um clima de segurança. Não a segurança que zela unicamente pelas finanças daqueles que vivem à sombra do Govêrno, mas a segurança para cada lar, para cada trabalhador, para cada consciência! Assim, eu tomaria a liberdade de sugerir a Vossa Ex<sup>a</sup> que, em seus contatos com as autoridades, não com o Ministro do Exterior, que é homem de grande sensibilidade humana; mas que, quando V. Ex<sup>a</sup> estivesse com outras autoridades, lhes lembrasse que, independentemente de considerarem a parte material e a parte da legislação capaz de adequar o cientista a trabalhar com eficiência, a êle desse também a garantia de tranquilidade, sob o ponto de vista moral, ideológico, espiritual, enfim, porque V. Ex<sup>a</sup> sabe que um cientista, de modo geral, é um homem acima das camadas

comuns. E' homem de sensibilidade maior do que o homem comum; sabe da responsabilidade daquilo que está fazendo, das consequências que advirão para a humanidade, do seu trabalho; não se sujeita a ser instrumento da opressão, ferramenta daqueles que querem levar a humanidade para o obscurantismo. Acho, pois, difícil, mesmo que nadássemos em dólares, mesmo que tivéssemos possibilidade de pagar em ouro os nossos cientistas que emigraram, trazê-los de volta se não apresentarmos um clima de decência, de respeito humano, nas relações da vida interna brasileira.

### SUBVERSÃO E SEGURANÇA

*O Sr. Eurico Rezende* — Permite o nobre orador um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Tem o aparte o nobre Senador Eurico Rezende.

*O Sr. Eurico Rezende* — Perdoe a mim e ao eminente Senador Mário Martins estarmos tão cêdo desapropriando o fascinante discurso de V. Ex<sup>a</sup>. Mas a pertinácia do eminente colega da Guanabara é sempre de caráter oposicionista e não perde qualquer que seja a oportunidade, principalmente quando essa oportunidade é honrosa, por se tratar do discurso de V. Ex<sup>a</sup>, de provocar estas guerras ao Govêrno Federal. O Sr. Mário Martins, *data venia*, está dando uma interpretação ou deformada ou passionalizada dos fatos. O Brasil não importou os cientistas que existiam na Alemanha, ali perseguidos pelo regime de Hitler ou então tangidos pelas consequências da guerra, porque não os quisesse. Não os trouxe para cá — e alguns até daqui saíram — porque não dispunha de equipamentos, de instalações, de recursos técnicos...

*O Sr. Mário Martins* — Na ocasião não havia democracia, era uma ditadura também!

O SR. EURICO REZENDE — ... não havia recursos financeiros. O eminente Senador Mário Martins sabe — até eu sei — que a empresa industrial mais cara, hoje, é a empresa

da exploração nuclear. A exploração nuclear nos Estados Unidos, depois de quarenta anos de prosperidade contínua, causou a inflação. A grande nação do norte, hoje, experimenta penosas consequências da inflação. Na composição dos fatores geradores da inflação está aquela extraordinária exploração da energia nuclear. O Brasil não tem, repito, recursos para a exploração nuclear.

Iremos tê-la, dentro em breve porque de algum tempo a esta parte — e faço justiça ao Governo do Senhor Juscelino Kubitschek — os governos brasileiros se vêm preocupando com o progresso tecnológico. Mas, em termos orçamentários, estamos ainda nos cueiros da infância para a era nuclear. De modo que êste realejo de que não há segurança para o cientista, dado o conceito que tem do que seja subversão e do que deve ser segurança, do que paira sobre as camadas gerais e rotineiras da população, não procede porque é insensível quanto aos interesses nacionais. Considerar aquilo que deve ser e não deve ser feito, não é privilégio de cientistas e sim dever de qualquer pessoa, do comerciante, do parlamentar, do advogado, do engenheiro, do homem comum. A afirmação reiterada de que foi a Revolução que afugentou os cientistas do Brasil não procede. Lembro-me de que o primeiro cientista que se destacou neste País, que procurou trazer para nós o encantamento, o fascínio e o descortinamento da era nuclear foi Cesar Lattes, em São Paulo. Já naquela época, em Governo perfeitamente democrático, Governo que não era da Revolução atual, êle se sentiu desiludido e chegou a sair do País. De modo que volto a dizer: o Senador Mário Martins, quando estiver reclamando o milagre do alastramento da exploração nuclear, neste País, deve trazer também o milagre do Orçamento nacional. Uma coisa é querer e outra coisa é poder. Consiga a honrada oposição os recursos necessários ao surgimento dessa era e estaremos aqui, não só para bater palmas mas também, e principalmente, para entoar os hinos do nosso agradecimento, da nossa gratidão.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado ao nobre Senador Eurico Rezende pelo seu aparte.

## O POVO MUITO ESPERA DOS GOVERNANTES

*O Sr. Mário Martins* — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Com prazer.

*O Sr. Mário Martins* — Apenas para lembrar, nobre Senador, ao Vice-Líder do Governo que quem sustentou o mesmo ponto de vista não foi homem da oposição nesta Casa. Vossa Excelência deve recordar de que foi, em conjunto, a maioria dos cientistas da França que enviou um telegrama ao então Presidente Castello Branco, solicitando condições para que os técnicos e os cientistas brasileiros pudessem atuar no Brasil e condenando a discriminação feita contra aqueles que, pensando contrariamente ao Governo, eram obrigados a sair do País para trabalhar em entidades estrangeiras. De modo que não foram os homens da oposição no Brasil, foram as maiores sumidades científicas da França que, oficialmente, dirigiram ao Presidente Castello Branco, neste sentido, um apêlo sem resposta, até hoje.

O SR. ARNON DE MELLO — Nobre Senador Mário Martins, no decorrer do meu discurso V. Ex<sup>a</sup> verá, com alegria para mim pela velha admiração que lhe tenho, que suas perguntas, tanto quanto me é possível, serão respondidas.

Dizia eu, Sr. Presidente, que a Mensagem do Chefe da Nação dedica um capítulo especial à pesquisa científica e tecnológica, o que ocorre pela primeira vez no Brasil.

Evidentemente, o que aí se anuncia não é o necessário, mas é o que pareceu possível a S. Ex<sup>a</sup>. “Não temos podido fazer milagres” — dirá, como D. Pedro, o Sr. Presidente da República. Mas S. Ex<sup>a</sup> sabe que o povo julga o homem de Governo não pelo que faz mas pelo que êle, povo, espera seja feito.

E o povo brasileiro, que de tudo necessita há anos sem conta, espera tudo dos seus governantes, especialmente dos recém-chegados ao poder, pois vê na mudança um sinal de melhores dias enquanto a permanência lhe dá a certeza de que as coisas continuarão como vão. Grande, imensa responsabilidade assumiu o Sr. Presidente da República — e bem percebemos que S. Ex<sup>a</sup> está consciente disso —, tanto mais quanto as suas palavras de candidato e de Chefe da Nação

correspondem às esperanças do povo. Mas essas — não nos devemos esquecer nunca — só podem ser satisfeitas com o “nôvo saber, as novas experiências e as novas verdades” do século da ciência.

## INGENUIDADE DOS RETRÓGRADOS

É, realmente, ingenuidade dos retrógrados, sempre revoltados contra os novos tempos, teimarem em detê-los, como se fôsse possível parar o crescimento das crianças ou das árvores.

Não há necessidade de citar fatos para comprovar que desenvolvimento econômico e social corre *pari-passu* com desenvolvimento científico e tecnológico. Mas vale a pena referir que os Estados Unidos de 1900 e o Japão da década de 30 só alcançaram os altos níveis de progresso de hoje porque recorreram à ciência e à tecnologia, a começar pela formação do seu pessoal. Mantêm-se os Estados Unidos na liderança no mundo pelos seus incessantes avanços científicos e tecnológicos. E o Japão, hoje o terceiro país do mundo em produto nacional bruto, depois dos Estados Unidos e da Rússia, é, êle mesmo, um produto da tecnologia.

## TAREFA PENOSA

Bem compreende a Nação as dificuldades do Governo atual, cuja tarefa é, de fato, extremamente penosa. Os problemas que encontrou são graves e numerosos, e se aprofundam no passado, decorrentes das injustiças sociais e das contradições do regime, tanto quanto dos erros dos homens.

Do ponto de vista econômico, viu-se que em 1963 o custo de vida aumentou em 90%, e em 1964 a inflação chegou a mais de 91%, enquanto o produto nacional bruto — que em 1963 era de 2%, depois de alcançar, em ano anterior, a 7,7% — caía abaixo de 1% no mesmo ano de 1964, e o aumento da nossa população era de 3,3%. Em 1961, o dólar estava a 225 cruzeiros velhos e em 1963 chegou a quase dois mil

cruzeiros velhos. O déficit previsto para 1963 atingia 80% da receita total da União.

Os nossos débitos no exterior não puderam ser liquidados então, e a providência tomada pelo Governo anterior foi obter uma carência de três anos, prorrogando-os para 1967 e re-escalando-se os pagamentos. Coube, assim, êsse pesado encargo financeiro ao atual Governo, que já no ano recém-findo despendeu para amortizá-lo 600 milhões de dólares, e agora se prepara para saldar em 1968 mais de 500 milhões de dólares.

## SWAPS

*O Sr. Eurico Rezende* — Permita-me V. Ex<sup>a</sup> acrescentar, nesse quadro estatístico que retrata a realidade brasileira de então, um outro fator. Aliás, tive a oportunidade de debater o assunto com o eminente Senador José Ermírio. E' a a questão dos *swaps*.

O SR. ARNON DE MELLO — Estão incluídos nesses seiscentos milhões de dólares.

*O Sr. Eurico Rezende* — V. Ex<sup>a</sup> está enganado.

O SR. ARNON DE MELLO — E' informação que me foi dada, hoje, pelo Ministério do Planejamento.

*O Sr. Eurico Rezende* — Mas essa estatística de V. Ex<sup>a</sup> é de que ano?

O SR. ARNON DE MELLO — Em 1967, o Governo Costa e Silva pagou seiscentos milhões de dólares, incluídos os *swaps*.

*O Sr. Eurico Rezende* — Incluídos os *swaps*?

O SR. ARNON DE MELLO — Exatamente, Senador. A informação foi por mim obtida hoje, às dez horas da manhã, no Ministério do Planejamento.

*O Sr. Eurico Rezende* — V. Ex<sup>a</sup> então me dá uma auspiciosa notícia, porque eu tinha informação em sentido contrário. E mais: o Governo atual não está realizando a operação de *swaps*, que era para alimentar o capital de giro.

O SR. ARNON DE MELLO — O Governo atual pagou os *swaps* feitos em épocas anteriores.

O Sr. Eurico Rezende — Não foi o Governo revolucionário que inventou os *swaps*. Encontrou-os, liquidou-os e cesou internamente as operações.

O SR. ARNON DE MELLO — O Governo anterior, em virtude das dificuldades financeiras que teve de enfrentar, pleiteou e conseguiu a prorrogação dos débitos da União no exterior para 1967.

## OBRA DO POVO

A Nação compreende, ademais, que não se pode modificar em pouco tempo mentalidade alicerçada em um estado de coisas mantido por tantos anos. E' esta mentalidade de rotina e tal estado de espírito conformista que adiam a execução dos propósitos do Sr. Presidente da República — como no caso do retôrno dos cientistas sôbre o qual se fêz uma cortina de silêncio —, estabelecendo perigoso intervalo entre as palavras de S. Ex<sup>ª</sup> e a ação do Governo, e geram, vez por outra, atos e medidas destoantes da filosofia oficial, dentro da qual a austeridade na luta contra a inflação não exclui, antes aconselha e pede, o empenho em favor do progresso.

Para alcançar os objetivos desenvolvimentistas, o primeiro passo a dar é vencer, quanto antes, essa mentalidade e êsse estado de coisas, e isso só se consegue através da mobilização popular. Governo é cúpula que só age com eficiência se o ampara o apoio do povo. Já tendo exercido o Governo do meu pequeno Estado, sei bem da importância da participação do povo nas inspirações e no bom êxito das ações do governante. Não é preciso ressaltar como tem sido impressionante o papel do nosso povo nas definições e decisões em face dos maiores problemas da nacionalidade. Eventos fundamentais da História do Brasil são obra do povo, e não das elites.

Recorde-se que até o século XVIII era o tupí a língua falada no Amazonas e em outras partes do território nacional. Apesar dos esforços dos jesuitas logo depois das descobertas, à frente deles Manuel da Nobrega, reitor do primeiro Colégio do Rio de Janeiro, fundado em 1567, o livro "Doutrina

Cristã”, do Padre Manuel Jorge, em 1585 era adaptado à língua tupi, e em 1622 se publicava o Vocabulário da Língua Brasileira, do Padre Leonardo do Vale. O tupi, tornado língua geral, esteve em certo tempo, para o português, na razão de 3:1, como diz Souza da Silveira. Os padres o falavam e o ensinavam nos Seminários, escreviam-lhe a gramática e organizavam-lhe o dicionário. Nomes tupis, como Aracajú, eram dados às cidades, e os próprios portugueses tinham apelidos tupis. Também com a importação dos escravos da África, quantos dialetos africanos não se falaram no Brasil? E quem, senão o povo, tornou triunfante, entre nós, uma língua só?

E’ ao povo que se deve, por outro lado, o alargamento dos nossos limites, aos mamelucos e mulattos, os bandeirantes, que se embrenhavam, temerários, indomáveis, imbatíveis, pelas florestas espessas e cerradas, abrindo e estendendo os caminhos do sem fim. A ordenação jurídica das nossas fronteiras foi obra de Rio Branco, mas a ampliação do nosso território foi obra do povo, como obra do povo foi a unidade nacional, a miscigenação, a língua, a religião católica, à qual Gilberto Freyre chama “cimento da nacionalidade”.

Tanta coisa assim, de tão excepcional importância para o nosso presente e o nosso futuro, tudo isso, que nos caldeou, consolidou a nossa extensão territorial e nos constituiu em Nação ao lado de uma América Espanhola dividida e subdividida em fatias, não foi obra das leis mas do povo.

## HORA HISTÓRICA

Vive agora o Brasil uma hora verdadeiramente histórica, uma hora decisiva e dramática, esta em que êle pode sair do subdesenvolvimento degradante em que jaz, desde que se disponha a queimar etapas através dos instrumentos dos novos tempos. A causa é do povo, e de seu apoio precisamos nós, que temos a responsabilidade do Governo. S. Ex<sup>a</sup> o Sr. Presidente da República quer o desenvolvimento científico e tecnológico, como já o declarou. Cabe ao povo colaborar com êle, colaborar conosco para, todos juntos, acelerarmos o pro-

gresso brasileiro, ungidos de entusiasmo autêntico, empregada, na sua mais alta expressão, esta palavra que em sua origem grega quer dizer “Deus em nós”. E com isso teremos, por outro lado, oportunidade de mais unir elites e massas, cujo distanciamento é fator negativo para o progresso.

Já Alexis de Tocqueville, que previu há tantos anos a atual competição entre os Estados Unidos e a Rússia, dizia em seu livro sobre a América do Norte, publicado há mais de um século: “A prosperidade geral favorece a estabilidade dos regimes políticos e muito especialmente a do regime democrático, o qual depende da maioria e, em particular, daquela parcela da comunidade mais sujeita a privações.”

### MALES DA ROTINA

Dispondo o Governo do apoio popular para missão tão alta, será vencida a barreira do ponto-morto em que permanecemos quando o mundo dispara nas conquistas da ciência. E, dignificadas na ação as palavras do Sr. Presidente da República, por certo não se repetirão jamais atos que perturbem e dificultem a marcha para a frente, a exemplo do decreto número 63.1<sup>24</sup>, ato de somenos mas que vale a pena citar para termos idéia de como a rotina, desapercibida dos altos e verdadeiros interesses nacionais, mais se preocupa com o pormenor e o trivial do dia-a-dia do que com o todo e o amanhã da Nação.

A reunião dos cientistas brasileiros em Washington realizou-se no dia 8 de setembro de 1967. Pois bem, já no dia 11 de setembro, três dias depois, foi aqui baixado o decreto n. 63.134, publicado no “Diário Oficial” do dia 12-9-1967, no qual se lê que somente “os brasileiros que residam há mais de 5 anos no estrangeiro, podem transferir para aqui seu domicílio e residência, trazer objetos de seu uso”.

Ora, pelas estatísticas americanas, vemos que, entre 1963 e 1966, entraram nos Estados Unidos 470 cientistas brasileiros, número que, somado ao de 1967, se estima irá além de seiscentos. Todos êsses cientistas, e mais os que se encontram na Europa — e dos melhores, entre êles muitos dos du-

zentes e tantos professôres que em 1965 se demitiram da Universidade de Brasília — são a bem dizer impedidos por êsse decreto de voltar ao Brasil.

*O Sr. Mário Martins* — Disse V. Ex<sup>a</sup> que se demitiram da Universidade de Brasília? Essa foi a expressão que V. Ex<sup>a</sup> usou?

O SR. ARNON DE MELLO — Que se demitiram ou foram demitidos.

*O Sr. Mário Martins* — E aquêles que se demitiram o fizeram compulsoriamente, em virtude de terem sido convocados pela polícia política e militar daqui, submetidos aos maiores vexames. Acabaram retirando-se do Brasil, com graves prejuízos para a cultura brasileira, o que foi o desmoroamento da Universidade de Brasília.

O SR. ARNON DE MELLO — Agradeço, nobre Senador Mário Martins, o seu aparte, sôbre cujo assunto falarei mais adiante.

Como vender o que possuem lá fora, certamente por preço irrisório, virem para cá de mãos abanando e aqui precisarem comprar tudo de nôvo? E' muito alto êste preço que o Brasil lhes cobra ao mesmo tempo que se diz interessado no seu retôrno: despregar-se dos valôres que ao longo dos anos adquiriram para seu lar ou, para conservá-los, pagar aqui na Alfândega uma fortuna de impôsto —, o que equivaleria a comprá-los de nôvo.

Falei pessoalmente, a êsse respeito, com o Sr. Ministro da Fazenda, sugerindo-lhe reduzir de cinco para dois anos o prazo estipulado no decreto número 63.134, e S. Exa. me disse que havia o inconveniente dos bolsistas também quererem usufruir os mesmos direitos. Quantos bolsistas brasileiros existem lá fora? Cem, quinhentos, mil? Ainda considerando a hipótese, que parece mais preocupar o Senhor Ministro da Fazenda, de que trouxessem automóveis, o que é possível mas não absolutamente certo, valeria ou não a pena atendê-los pelo bem do futuro do país?

## NOVOS APARTES

O *Sr. Mário Martins* — Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um outro aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não.

O *Sr. Mário Martins* — Vossa Excelência, com muita precisão, mostra o que é a exigência burocrática, alfandegária, e nos dá ao mesmo tempo uma demonstração do trabalho dela contra o Brasil, no caso da possibilidade do retôrno dos cientistas, que teriam que pagar os direitos alfandegários dos seus objetos, voltando antes de cinco anos. Vossa Excelência sabe que no Govêrno do qual foi Líder o nobre Senador Eurico Rezende — o Govêrno Castello Branco — foram assinados convênios, à revelia do Congresso, com entidades norte-americanas. O Senador Eurico Rezende, quando se fala em tecnologia e ciência, enquadra tudo no campo físico-nuclear, mas estamos falando de cientistas, de técnicos de um modo geral. Êsses engenheiros norte-americanos que vêm trabalhar no Brasil, inclusive para pavimentar estradas, pelos convênios têm o direito de trazer todos os seus pertences. Aquilo que se nega ao brasileiro, ao retornar ao seu país, se concede ao norte-americano. De modo que um outro fator leva o cientista ou o técnico brasileiro a se afastar do País: é que êle está sofrendo uma concorrência desleal dentro de sua própria Pátria, porque o Govêrno do Brasil assinou convênios prejudiciais aos técnicos e cientistas brasileiros, favorecendo, exclusivamente, aos técnicos estrangeiros.

O Clube de Engenharia fez uma série de denúncias gravíssimas nesse sentido. Devo declarar que estive presente quando houve a posse da sua nova Diretoria e se divulgava um livro de engenheiro brasileiro denunciando tais fatos. Na ocasião, o Ministro Mário Andreazza, então recém-empossado, estava presente também, e fêz um discurso lacônico porém muito fecundo, quando se festejava o lançamento daquele livro em defesa dos engenheiros. Disse S. Ex<sup>a</sup>: “Apenas quero declarar que espero êste seja o último livro a se publicar no Brasil, neste sentido.” Falou como quem promete estar-se incorporando à luta pelos brasileiros. Enquanto criam

dificuldades para o cientista ou bolsista brasileiro voltar ao País, abrem-se facilidades para o estrangeiro, no caso norte-americano, vir concorrer com o profissional brasileiro, e os contratos, desde que tenham qualquer financiamento norte-americano ou de entidade aparentemente norte-americana, estabelecem vantagens, prioridades, favoritismos em favor dos norte-americanos e em detrimento dos brasileiros.

O SR. ARNON DE MELLO — A êsse propósito, Senador Mário Martins, também pretendo falar em breve desta tribuna.

## OPINIÕES OPOSICIONISTAS

*O Sr. Eurico Rezende* — V. Ex<sup>a</sup> vai-me permitir completar aqui a interlocução triangular. Eu antes me encontrava em regime de dúvida e agora essa dúvida se transforma, para mim, em perplexidade. Tenho ouvido pronunciamentos, nas vozes do rádio, nas colunas da imprensa, nas imagens da televisão, e também os discursos, nesta Casa e na outra Casa do Congresso, de eminentes figuras da Oposição, entre as quais devo mencionar o Senador José Ermírio e a ilustre Senhora Deputada Ivete Vargas, um no Senado e outra na Câmara, elogiando o Governo Federal porque êste vem criando restrições àquilo que S. Ex<sup>as</sup> chamavam de concessões aos Estados Unidos. Estes eminentes parlamentares louvaram, por exemplo, a atitude do Governo Federal no que diz respeito à questão dos fretes; em outro ponto fundamental, no que concerne à política nuclear e também quanto à questão do café solúvel. De modo que não sei se me inclino, em termos de aceitação, às palavras do eminente Senador Mário Martins ou se me inclino aos pronunciamentos isentos do eminente Senador José Ermírio — e faço justiça a S. Ex<sup>a</sup> — que, depois de longos meses de combate incessante ao Governo, na opinião de S. Ex<sup>a</sup> encontrou oportunidade de verificar que o Governo atual pratica atos na defesa do melhor interêsse nacional do lado internacional.

O Sr. Mário Martins — Do Govêrno atual; fiz alusão a atos do Govêrno passado.

O Sr. Eurico Rezende — Mas V. Ex<sup>a</sup> faz referência a um Govêrno que passou, o que não devia interessar ao caso.

O Sr. Mário Martins — Não, porque seus atos permanecem.

O Sr. Eurico Rezende — Não seria desejável que V. Ex<sup>a</sup> fizesse referência a atos de um Presidente que morreu.

O Sr. Mário Martins — Não se trata disso; trata-se de atos que permanecem vivos.

O Sr. Eurico Rezende — A não ser que V. Ex<sup>a</sup> esteja procedendo como os barqueiros do Volga, andando para trás, mas puxando a barca para a frente. Se é assim que V. Ex<sup>a</sup>, age, então estou de pleno acôrdo com V. Ex<sup>a</sup>. Há, porém, uma contradição evidente entre o que V. Ex<sup>a</sup> está dizendo e o que disseram outros frades maiores também da Oposição.

O Sr. Mário Martins — Eu próprio já reconheci, na batalha do café e dos fretes, os méritos do atual Govêrno, mas nós estamos falando de tecnologia e de ciência. Dentro dêsse campo, fiz alusão ao Clube de Engenharia, em que ficou provada a discriminação feita no Govêrno passado: contratos que ainda permanecem de pé, discriminação contra profissionais brasileiros, em favor de profissionais americanos.

## INSTRUÇÕES DO BANCO CENTRAL

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado aos apertes dos Senhores Senadores Mário Martins e Eurico Rezende, pela colaboração que trazem ao meu discurso.

O Sr. José Ermírio — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Com prazer.

O Sr. José Ermírio — Gostaria de lembrar a V. Ex<sup>a</sup> o seguinte: ainda há uma herança que precisa ser corrigida também, representada pelas Instruções ns. 276 e 289, que levam vantagens imensas às firmas estrangeiras instaladas no Brasil. O swaps acabou, o que é uma grande coisa, pois não era de ordem total e sim parcial. E' bastante que observemos os boletins do Banco Central, que saem todos os meses. A Ins-

trução 276 é a que possibilita a vinda de equipamentos velhos, recém-pintados, para o Brasil, com preço nôvo. Essas duas Instruções precisam ser modificadas, a fim de que o Brasil cresça e se desenvolva, com igualdade de direitos para todos os brasileiros.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado a V. Ex<sup>ª</sup>, nobre Senador José Ermírio.

Como eu ia dizendo, Sr. Presidente, sugeri ao Sr. Ministro da Fazenda que reduzisse, para dois anos, o prazo de cinco anos do decreto 63.134, a fim de que os cientistas brasileiros residentes no estrangeiro, que para aqui voltassem, pudessem trazer os seus objetos de uso pessoal e profissional. S. Ex<sup>ª</sup> declarou que, assim, os bolsistas iriam pleitear as mesmas vantagens. Repliquei, então, que estas, evidentemente, não poderiam ter para o país a mesma importância do retôrno dos nossos cientistas.

Se, porém, o automóvel importado paga hoje, de qualquer maneira, alto imposto de importação, não seria o investimento por demais vantajoso para o Brasil? O caso, insignificante na sua extrema pequenez, vale realmente como índice de um estado de espírito que não pode perdurar.

## VERBAS REDUZIDAS E NÃO PAGAS

O Sr. Aurélio Vianna — Permite V. Ex<sup>ª</sup> um breve aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, nobre Senador Aurélio Vianna.

O Sr. Aurélio Vianna — Estou lendo notícia que seria de estarrecer, se publicada noutro país. E' que o Chefe da Divisão de Orçamento da Comissão Nacional de Energia Nuclear, o Cel. Uzêda, informou à imprensa que nem um só cruzeiro do Orçamento de 1968 foi recebido, até agora, por aquela Comissão Nacional, órgão que detém, sob seu contrôle, a totalidade da pesquisa e a política atômica no Brasil e cuja proposta financeira teve um corte de mais de 50% do Ministério do Planejamento. Declarou ainda:

“O projeto mais atingido com o corte de verbas foi justamente o de pesquisa que, de um pedido total de NCr\$ 25 milhões, só recebeu dotação de NCr\$ 9.068,00, verba ainda retida no Ministério da Fazenda. Outro projeto, para instalação de laboratório de tratamento de urânio e tório — considerado de grande importância para a indústria — foi simplesmente deixado de lado.” E concluiu assim sua longa declaração:

“Algumas vêzes até deixamos de começar um trabalho de importância, tal é o temor e a insegurança de verbas com que lidamos.”

Está aí o “X” do problema: os seiscentos cientistas brasileiros que trabalham nos Estados Unidos, se voltarem para o Brasil não encontram campo para a utilização da sua capacidade de pesquisa e criação. Os professores formam especialistas, e êstes têm que emigrar, porque, lá fora, encontram, como bem diz V. Ex<sup>a</sup>, campo propício às suas atividades. Ora, ao mundo nós prociáramos, e o Governo do País também, que estamos dispostos a enfrentar o problema da pesquisa e do uso da energia atômica para a paz, e, no entanto, tudo é desmentido por fatos desta natureza.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado, nobre Líder do MDB, pelo seu aparte.

## CIENTISTAS ESTRANGEIROS

Claro que tôdas as nações precisam e até disputam cientistas estrangeiros, e nós tanto ou mais que elas necessitamos dêles. Inexplicavelmente, tudo fazemos para dificultar-lhes a entrada em nosso país. O cientista estrangeiro só tem isenção para objetos de uso pessoal ou profissional no valor de duzentos dólares, de acôrdo com o artigo 1º do Decreto n. 63.134, de 11-9-1967. E depois de pagar impôsto por objetos de uso profissional, os quais, afinal, interessam especialmente ao Brasil, não lhes concedem nem mesmo o direito à livre docência — exatamente o contrário do que acontece nos outros países, onde tôdas as portas se abrem aos cientistas que desejem para êles transferir-se.

Anote-se que à Embaixada do Brasil em Washington chegam oferecimentos de físicos, químicos, biólogos, cientistas enfim, dispostos a trabalharem neste país, animados, para transmitir-nos seus conhecimentos, do mesmo espírito de missão daqueles missionários que levam aos confins do mundo os ensinamentos da sua religião. Lí cartas de um físico norte-americano de alta qualidade, o Dr. David W. Neil, e de graduados de países latino-americanos, entre êstes a Guatemala e a Nicarágua, interessados em virem para o Brasil.

## FATOS ESPANTOSOS

Assim, seria talvez possível transformarmos o *brain-drain* em *brain-gain*, mas para isso se impunha conscientizar-nos da importância, melhor diria da necessidade absoluta de contarmos com essa fabulosa cooperação. Os fatos evidenciam, entretanto, que estamos muito longe de tal consideração.

E' de pasmar, e é verdade: em 1957, aqui veio o professor Escande, a maior autoridade do mundo em energia solar, para promover no país a utilização desta. Como se sabe, pequenas pilhas solares já hoje substituem pequenos motores *diesel* e produzem material eletrônico. Já se emprega a energia solar para geladeira, telefone, cozinha, demarcação de campo de aviação. Apresentado o Professor Escande a governante brasileiro, êste respondeu ao nosso cientista que o recomendara: "Não perco meu tempo, não acredito."

O Professor Luis Delockzy, Chefe de Serviço do Instituto de Geologia da Hungria, chegou ao Brasil em 1956. Católico, deixou o seu país por ocasião da invasão soviética. Foi aqui contratado com 1.000 dólares por mês pela CAGE, agora extinta porque se incorporaram as escolas de geologia às universidades. Entusiasmado com o nosso país, naturalizou-se brasileiro. Mas qual não foi sua surpresa ao verificar, no fim do mês, que seus vencimentos haviam sido reduzidos a 400 cruzeiros novos, porque êste é o teto estabelecido pela lei para pagamento a professôres brasileiros!

— “Então — disse o Professor Delockzy — é êste o prêmio que tenho por haver escolhido o Brasil para minha segunda Pátria?”

Enquanto assim procedemos, indiferentes, desinteressados do concurso quer de cientistas brasileiros quer de estrangeiros, são êles constantemente convidados a se naturalizarem cidadãos do país onde trabalham, e disputados no mercado mundial de cientistas, no qual o que se adquire, contratando-os, é a criatividade, e o que se compra é o futuro.

Os Estados Unidos precisam de cem mil cientistas por ano, e produzem setenta mil. Necessitam importar trinta mil, com o que economizam três bilhões de dólares, pois se formassem trinta mil cientistas gastariam talvez mais que isso.

## FÔRÇAS DE VANGUARDA

Sr. Presidente:

E' motivo de orgulho para nós, brasileiros, a presença dos nossos cientistas pelo mundo fora, fôrças de vanguarda da nossa ciência, linha avançada das nossas possibilidades de desenvolvimento. Grande é, realmente, a importância da maioria dêles nos países onde atuam. Mesmo as nações mais adiantadas em ciência e tecnologia, confiam-lhes graves responsabilidades em setores oficiais e privados. Na Europa e nos Estados Unidos, encontrei brasileiros como mestres em várias especialidades, lado a lado com as figuras exponenciais da inteligência e da cultura do mundo.

O Chefe do grupo de antenas do projeto Apolo, nos Estados Unidos, era brasileiro, de S. Paulo. Em Grenoble, na França, como um dos dirigentes do grande centro de Estudos de Energia Nuclear ali instalado, também está um físico brasileiro, José Israel Vargas, fundador do Instituto de Pesquisas Científicas de Belo Horizonte e professor da Universidade de Minas Gerais. Informaram-me que êsse cientista foi chamado ainda há poucos dias ao nosso país pela Comissão Nacional de Energia Nuclear, mas nada se decidiu sôbre a sua permanência aqui, e êle retornou a Grenoble, renovando por

dois anos o seu contrato de trabalho com o Govêrno da França.

Na Escola Politécnica da Universidade de Paris, encontra-se Roberto Salmeron, físico nuclear, que por mais de dez anos trabalhou no CERN, em posição do mais alto destaque.

Pedro Buarque de Macedo, físico, especialista em vidro, é consultor da Marinha dos Estados Unidos, para o submarino de vidro que ela está construindo. Vale destacar a descoberta para a qual trabalhou êsse brasileiro: o vidro, já hoje substituindo o ferro e o aço, se tornará em breve flexível, podendo ser dobrado, e assim utilizado nos parabrisas dos automóveis.

Pelas Universidades americanas, espalham-se homens de ciência do Brasil, que, reunidos, poderiam constituir a maior Universidade do mundo.

### AS RAZÕES DO ÊXODO

Muito se têm falado e escrito sôbre a emigração dos nossos cientistas para os Estados Unidos e a Europa, mas pouco se tem dito das verdadeiras razões que a determinaram. Não se pode atribuí-las apenas aos melhores ordenados. O cientista, dominado pelo empenho de descobrir, de investigar, de ver além do visível à época, não pensa em ganhar muito, e muito menos em enriquecer. Ele precisa, naturalmente, para produzir mais e melhor, de segurança para sua família, de modo a poder pagar, com os seus vencimentos, as contas de fim de mês, os colégios dos filhos, enfim, as despesas naturais do lar. O mais, do ponto de vista pessoal, é secundário para o cientista. Sua vida resume-se ao laboratório, às pesquisas que lhe tomam tôdas as horas, do dia e da noite. O que absorve e lhe empolga as atenções é a paixão da descoberta. Eis porque não é possível, ao pesquisador, trabalhar em regime que não seja de tempo integral.

Não é possível, evidentemente, considerar o pesquisador, como faz o DASP, dentro das exigências do horário e ordenado do funcionário público. Enquanto êste pode dedicar-

se a outros afazeres, que lhe aumentem a receita mensal, o cientista, como, aliás, o militar, restringe-se exclusivamente ao seu ordenado, e na sua atividade fundamental emprega todos os minutos.

O pesquisador que dispersa suas atenções em mistérios diversos reduz fatalmente sua capacidade de produzir. A criatividade exige tanto o tempo integral como a dedicação exclusiva, e êle, para o melhor resultado e eficiência de seus trabalhos, deve concentrar-se numa única ocupação e objetivo, e não diluir-se por vários. Não fôsse assim, e Arquímedes de Siracusa não teria sido Arquímedes, pois nem mesmo foi num laboratório ou gabinete de estudos mas quando tomava banho, inteiramente absorvido nas suas preocupações de investigar se a coroa do Rei Heirão era tôda feita de ouro, que descobriu o princípio da hidrestática. Notou que seu corpo dentro da água se tornava mais leve, saiu nú em pêlo para a rua, gritando “eureca! eureca!” (descobri! descobri!). E não foi num momento de concentração, no jardim, que Newton, observando cair uma maçã, imaginou as leis da gravitação universal?

O cientista não trabalha só na pesquisa. E’ principalmente um professor de nível pós-graduado. Uma parte do seu tempo é dedicada à pesquisa pura e outra à condução de alunos pós-graduados, com pesquisas, seminários ou trabalhos práticos. Se as nossas universidades adotassem o regime de tempo integral, êles podiam exercer e realizar seus trabalhos de pesquisa com atividade didática, pois as duas coisas estão intimamente ligadas.

## CONDIÇÕES DE TRABALHO

Acentue-se que o problema da remuneração dos cientistas está ligado ao problema da impossibilidade de se manterem válidos, em pleno vigor criador, sem os meios de vida correspondentes às suas necessidades mínimas. Precisando acumular dois e três emprêgos, ou mais, para a manutenção própria e da família, entra o pesquisador em estagnação e dentro de poucos anos se torna inútil. Por essa razão, isto é, para evitar

a estagnação e a inutilidade, e *não para ganhar ordenados mais altos*, é que muitos cientistas brasileiros deixam o país. Faz-se, pois, indispensável, livrá-los de preocupações que o distraiam do seu empenho de pesquisar e descobrir. E garantida, com um ordenado suficiente, a tranquilidade financeira para manter modesta e dignamente a sua família, indispensável é que eles contem com os necessários elementos de trabalho, o equipamento que lhes permita o desenvolvimento de suas pesquisas.

Quando estive em fins do ano passado no Quai D'Orsay, em Paris, perguntei a um dos responsáveis pela política nuclear francesa porque a França cuida no momento de construir um outro acelerador de partículas atômicas de 46 bilhões de elétrons-volts, quando é co-proprietária do Centro Europeu de Pesquisas Nucleares (CERN), que fica em território franco-suíço e está instalando um novo acelerador de partículas de 300 bilhões de elétrons-volts.

— E' para dar aos nossos cientistas meios de trabalho porque, do contrário, eles emigram — respondeu-me.

Naturalmente por isso não tem a França o problema do *brain-drain*.

## A SITUAÇÃO DO BRASIL

Não podemos, nós, brasileiros, atribuir o *brain-drain* às seduções das riquezas astronômicas da América do Norte, porque os nossos cientistas emigram sobretudo por causa da falta, aqui, de mercado de trabalho.

Esta é, realmente, a situação. Como a nossa indústria não faz pesquisas e são ínfimas as verbas que o Governo pode destinar-lhes, os brasileiros que estudam ciências exatas não encontram emprêgo para seus conhecimentos e especialidades, e se exilam. A Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, através da sua Comissão de Programas de Pesquisas e Técnicas apresentou relatório, em julho do ano passado, sobre o *brain-drain*, dentro do país, de cientistas, engenheiros e médicos. Nesse documento se informa que, em 1966, 114 brasileiros graduados lá entraram; em 1965, 121; em 1964, 119; em 1963, 116;

em 1962, 97; em 1956, 132; em sua maioria médicos e engenheiros de cursos de ciências naturais.

## A VERDADE

Empenhei-me em ouvir os cientistas brasileiros emigrados, e trago ao Senado, através dos seus depoimentos, a verdade sobre a decisão que tomaram.

Dois dêles, e dos maiores, um residente em Paris, e o outro nos Estados Unidos, com os quais conversei, declararam-me que o que mais os choca é divulgar-se no Brasil que daqui saíram à procura de melhores salários. Não lhes importa prioritariamente a remuneração. O que êles querem são os instrumentos de trabalho para se aperfeiçoarem sempre. Entendem que o lugar dêles é aqui, ao serviço da Pátria, mas, mesmo ganhando muito bem, consideram que a desservirão se entre nós permanecerem sem condições de produzir.

*O Sr. Eurico Rezende* — Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, Senador Eurico Rezende.

*O Sr. Eurico Rezende* — V. Ex<sup>a</sup>, com a autoridade de quem perlongou a geografia do mundo no estudo dêsse palpitante problema, acaba de responder, de modo cabal, à intervenção oposicionista do eminente Senador Mário Martins, no sentido de que os cientistas brasileiros que deixaram o País o fizeram porque tangidos pela DOPS, pela invasão dos seus lares, finalmente pela falta de segurança como cidadãos. E, V. Ex<sup>a</sup>. que viajou mais do que o eminente Senador Mário Martins...

*O Sr. Mário Martins* — O que me causa inveja.

*O Sr. Lino de Mattos* — A todos nós.

*O Sr. Eurico Rezende* — ... V. Ex<sup>a</sup>, que estudou esta matéria muito mais do que o nobre Senador Mário Martins...

*O Sr. Mário Martins* — O que também me causa inveja.

*O Sr. Eurico Rezende* — ... V. Ex<sup>a</sup>, que ouviu, que auscultou cientistas brasileiros no exterior, o que não fez o eminente Senador Mário Martins; V. Ex<sup>a</sup> dá como fatores fundamentais disso que V. Ex<sup>a</sup> chama de êxodo, em primeiro lugar,

a pouca dimensão salarial, isto é, o nenhum atrativo financeiro. E, em segundo lugar, a falta de meios de trabalho, falta esta traduzida na ausência de instalações e de equipamento, ônus de um País ainda não desenvolvido e, por via de consequência, de um País que não possui um orçamento linguarudo como o dos Estados Unidos, do Japão e da Rússia. Então, a assertiva do Sr. Senador Mário Martins, diante da autoridade, da percuciência e da análise desapaixonada de V. Exa., cai, em cacos, pelo chão da verdade.

## COMEÇO

*O Sr. Mário Martins* — Perguntaria, Senador Arnon de Mello, já que V. Ex<sup>a</sup> me havia prometido, em dado momento, focalizar a razão do meu aparte, que se transbordou para o lado do Senador Eurico Rezende, se V. Ex<sup>a</sup> já concluiu a parte que se refere às razões colhidas por V. Ex<sup>a</sup> como determinantes do êxodo dos nossos cientistas.

O SR. ARNON DE MELLO — Apenas começo, Senador.

*O Sr. Mário Martins* — Então, parece-me prematuro o aparte do nobre Senador Eurico Rezende. Ou, então, S. Ex<sup>a</sup> tem preciência dos acontecimentos ou da fala de V. Ex<sup>a</sup>.

*O Sr. Eurico Rezende* — Não é prematuro, Senador Mário Martins. E' que V. Ex<sup>a</sup> deu, como causa do êxodo, a DOPS, e o Senador Arnon de Mello, com as credenciais de quem manteve contacto com a diversificação de inúmeros países, diz que não. Eu ouvi. A V. Ex<sup>a</sup> é que não interessa ouvir. V. Ex<sup>a</sup> não quis ouvir, ou melhor, não quis dizer que ouviu o Senador Arnon de Mello, cujo discurso V. Ex<sup>a</sup> elogiou. V. Ex<sup>a</sup> aderiu às suas teses, e viu que, no elenco de motivos do afastamento d'esses cientistas, não está a increpação de V. Ex<sup>a</sup> no sentido de que houve perseguições políticas, ou pressão militar, ou invasão de lares, nada disso. Então, verificamos que o discurso do Senador Arnon de Mello é um discurso pronunciado com a altitude e a longitude de quem estudou o problema e, por isso, opera com meios nucleares, enquanto que o aparte de V. Ex<sup>a</sup> é em t'ermos de bodoque.

*O Sr. Mário Martins* — V. Exa. vai-me permitir, mas eu acho que não há necessidade de ninguém viajar, desde que não tenha ouvidos cerrados ao estrangeiro. Basta saber, e vou citar dois nomes: um dos homens mais glorificados na Europa, no momento, é o nosso compatriota Josué de Castro. O Sr. Josué de Castro saiu do Brasil por quê? Porque teve seus direitos políticos cassados. Um dos homens mais reverenciados nos meios científicos e acadêmicos dos Estados Unidos é Celso Furtado. Celso Furtado por que saiu? Porque teve seus direitos políticos cassados. Então, ninguém precisa ir aos Estados Unidos, à Europa, à China, nem a lugar nenhum para saber que as melhores figuras brasileiras, glorificadas hoje no exterior, nos meios técnicos, como Josué de Castro e Celso Furtado, saíram do Brasil tocadas por uma lei de cassação, lei iníqua. Já se deveriam estar movimentando, neste instante, tôdas as consciências brasileiras em favor da anistia para que êles pudessem retornar, e viver entre nós.

#### DOIS NOMES

*O Sr. Eurico Rezende* — (dirigindo-se ao orador) — V. Ex<sup>a</sup> vai-me permitir...

O SR. ARNON DE MELLO — VV. Ex<sup>as</sup> estão com a palavra... (risos)

*O Sr. Eurico Rezende* — Apresento escusas, mas a responsabilidade é de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Arnon de Mello, porque, quando V. Ex<sup>a</sup> ocupa a tribuna, se forma, assim, uma espécie de mosquito sentimental, tamanho é o interêsse que, via de regra, despertam os seus pronunciamentos.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

*O Sr. Eurico Rezende* — O Senador Mário Martins citou dois nomes no deslocamento havido...

*O Sr. Mário Martins* — Citei dois, mas poderia citar muitos mais.

*O Sr. Eurico Rezende* — ... Josué de Castro e Celso Furtado. Êsses dois brasileiros saíram do Brasil porque quiseram sair, já que ninguém foi mandado para o exílio. No entanto, ficaram aqui durante tôda aquela anarquia, tôda

aquela maldição do Sr. João Goulart, e se davam muito bem. Quando se instaurou neste país um regime de responsabilidade, de austeridade e de saneamento...

*O Sr. Mário Martins* — E de ocupação estrangeira.

*O Sr. Eurico Rezende* — ... aí então saíram por vontade própria, como poderiam tê-lo feito muito tempo antes. Mas ninguém proíbe SS. Ex<sup>as</sup> de retornarem ao País.

*O Sr. Mário Martins* — Mas, como eu dizia, aqueles não encontraram condições.

*O Sr. Eurico Rezende* — Muitos dos que foram, voltaram e estão aí exercendo tranquilamente a nobreza ou o sacerdócio de suas profissões.

*O Sr. Mário Martins* — Com os seus empregos cassados.

*O Sr. Eurico Rezende* — Então, diante de todo esse quadro, o eminente Senador Mário Martins cita dois nomes. Mas condena o processo de cassação, que não deve ser condenado porque houve uma revolução neste País...

*O Sr. Mário Martins* — Houve um golpe de estado militar.

*O Sr. Eurico Rezende* — Revolução não é clínica mas cirurgia. O que houve com esses dois ilustres cidadãos aconteceu com outros, mas só foi para o exterior quem assim o quis, e os que quiseram retornaram quando muito bem entenderam e estão hoje tranquilamente no recesso dos seus lares e nas oficinas ou nas frentes do seu trabalho.

## ESTATÍSTICA

O SR. ARNON DE MELLO — Nobres Senadores Mário Martins e Eurico Rezende...

*O Sr. Mário Martins* — Peço desculpas mas não mais interromperei o discurso de V. Ex<sup>a</sup>.

O SR. ARNON DE MELLO — ... na discussão com que Vv. Ex<sup>as</sup> encantam o Senado e muito me honram, eu peço um aparte (*risos*) para, por amor à verdade, citar de novo o inquérito da Comissão Parlamentar da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos sobre o *brain-drain* naquele país. Segundo êle, o êxodo de cientistas brasileiros para a América do Nor-

te já era grande em 1956. Naquele ano, entraram nos Estados Unidos cento e trinta e dois cientistas brasileiros; em 1962, noventa e sete; em 1963, cento e vinte e um, e em 1966, cento e catorze. O êxodo, portanto, não se verificou em determinado governo mas em todos os governos.

O Sr. Eurico Rezende — Muito bem! O Senador Mário Martins não perdeu por esperar.

O SR. ARNON DE MELLO — A falta de mercado de trabalho é realmente a razão principal do êxodo.

## DOIS CIENTISTAS

Encontrei, como ia dizendo, dois cientistas brasileiros, um na França e outro nos Estados Unidos.

— Sou filho de um pescador de Niteroi — dizia-me em Nova Iorque o físico Sérgio Pôrto, um dos maiores especialistas em *laser* do mundo. Vim para os Estados Unidos, graças a uma bolsa de estudo. Acharam aqui que eu tinha competência, e me deram tôdas as oportunidades para progredir. Hoje, sou professor da Escola Politécnica da Universidade da Califórnia e consultor técnico de várias firmas.

Falou assim, e se lhe marejaram os olhos d'água quando acrescentou:

— Mas, Senador, sinto-me frustrado por não estar trabalhando pelo futuro do Brasil. Tenho, ademais, um filho de 17 anos que quase só fala inglês, e eu e minha mulher o queremos brasileiro.

Não tem outra linguagem o físico nuclear Roberto Salmeron, professor da Escola Politécnica da Universidade de Paris, que reúne a nata da inteligência e da cultura francêsas. Para ter-se uma idéia da sua categoria, vale referir que fez êle no CERN, em Genebra, uma experiência de uma partícula de próton, a qual levou um ano, consumiu dez milhões de dólares e contou com o trabalho de cinqüenta cientistas de alto nível. Com lágrimas nos olhos, lamenta Salmeron que o Brasil não acompanhe o desenvolvimento do mundo, permaneça parado, quando os outros países se adiantam.

Encontrei-me com numerosos outros cientistas brasileiros na Europa e nos Estados Unidos, e de todos ouvi mais

ou menos a mesma coisa. A maior tristeza dêles é o sentimento de inutilidade e de incapacidade para engrandecerem o Brasil, por falta aqui de condições para um trabalho de pesquisa correspondente às nossas necessidades e mesmo possibilidades. E' de perder o juízo, para alguns, verem a total indiferença do nosso país pelo seu futuro, quando se lhe abrem tôdas as portas.

Perguntaram-me pelo ITA (Instituto de Tecnologia da Aeronáutica), de São José dos Campos, em São Paulo, que me dizem obra do Brigadeiro Casemiro Montenegro, criado na filosofia de que, em vez de gastar dinheiro mandando estudantes aos Estados Unidos, melhor seria trazer até cá os professores americanos, e formar pessoal, mesmo que com isso se comprem menos aviões. Infelizmente, o ITA, onde trabalhou por doze anos, na construção da sua divisão de eletrônica, o Professor Boffi, hoje chefe do Departamento de Engenharia da Universidade de Michigan, em Ann Arbour, nos Estados Unidos, já não possui condições de prestar ao Brasil, segundo me informaram, os serviços imensos que em outros tempos lhe prestou no campo científico e tecnológico. Confia-se, entretanto, em que o seu atual Diretor, Coronel Paulo Victor, disponha do apoio necessário para restaurá-lo na sua eficiência e importância.

## DEPOIMENTO

Este trecho da carta que um professor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, do Rio, atualmente trabalhando nos Estados Unidos, dirigiu em 1965 ao Presidente Castello Branco, é bem ilustrativo da verdade a respeito do assunto:

“Permanecemos no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas enquanto sentimos que nosso trabalho ainda tinha qualquer possibilidade de ser útil à formação de jovens e de ser de interesse para o País. No último ano que aí passamos, quase todo nosso tempo tinha que ser gasto em tentativas, sempre infrutíferas, de conseguir mais recursos para o Centro, tarefa essa que deveria caber à administração, e não ao corpo científico. Sòmente uma parcela insignificante do nosso

tempo podia ser dedicada ao trabalho de pesquisa.

“Foi essa situação que nos levou a afastar-nos para o exterior. Tomamos essa decisão com grande relutância, porém convencidos de que poderíamos ser mais úteis ao Centro e ao nosso País dessa maneira, mantendo aqui contato com a Física, do que aí ficando sem possibilidade de trabalhar e de contribuir para a formação de jovens.

“Nossa permanência no exterior tem sido um sacrifício sob vários pontos de vista, em virtude dos laços de família e de amizade que nos prendem ao nosso país. Não fomos atraídos pela oferta de salários mais elevados. Teríamos preferido bem mais poder continuar trabalhando na instituição à qual, até então, nos orgulhavamos de pertencer, desde que houvesse condições mínimas para isso. Estamos dispostos a regressar quando de todo superadas as causas que determinaram nosso afastamento, e tivermos a garantia de que elas não mais se repetirão.

“Continuamos, porém, profundamente convictos de que seria prestar um desserviço ao nosso país regressar antes disso.”

## FRUSTRAÇÃO

Aqui está um outro depoimento importante de cientista que reside e trabalha nos Estados Unidos:

“Nós todos, ou a grande maioria dos que se acham fora do Brasil, também estivemos estudando ou fazendo estágio no exterior. Todos, pelo menos os que conheço, tinham intenção, quando estudavam aqui, de retornar à Pátria. Era grande a nossa vontade de trabalhar e permanecer no Brasil. Voltamos e procuramos trabalhar com dedicação mas vimos nossos esforços mal sucedidos e frustrados. Não encontramos absolutamente condições de trabalho. Terminamos por desistir do nosso intento de ficar, e saímos novamente. Por êsse motivo, encontramos-nos no exterior. Principalmente até 1960/1961, um grande número de cientistas regressou ao Brasil, e houve, naquela ocasião, uma bela oportunidade de ser dado um grande impulso à ciência. Nos anos de 1961-1964, e sobretudo em

1963 e 1964, a situação degenerou de tal modo que a grande maioria dos aqui presentes se viram forçados a deixar o Brasil nessa época.”

Note-se a data em que se fêz maior o êxodo dos cientistas: antes de 1964. Isso prova que, ao contrário do que tenho ouvido, os nossos cientistas não deixaram o país forçados pelo Governo por que comungassem idéias esquerdistas.

## DRAMA DO CIENTISTA BRASILEIRO

Vive o cientista brasileiro um verdadeiro drama no exterior. Se, por exemplo, os Estados Unidos o atendem na necessidade de segurança financeira, não o satisfazem na necessidade psicológica básica, pois êle se acha supérfluo em meio à grande quantidade de profissionais de alta qualidade que lá trabalha. Enquanto isso — disse-me um dêles — “sentimos que o Brasil precisa de nós, sentimos que o nosso lugar é no Brasil”. E outro assim me fala: “E’ engano imaginar que a ciência não tem Pátria. O lugar do cientista brasileiro é no Brasil, formando brasileiros.”

O *Sr. Eurico Rezende* — Honra-me V. Ex<sup>a</sup> com outro aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, com satisfação.

O *Sr. Eurico Rezende* — V. Ex<sup>a</sup> acaba de dar a medida exata da impossibilidade de meios dos cientistas permanecerem no Brasil. Cita o período mais crítico da economia brasileira, que é o eixo 1963-64. Nessa fase, a taxa de inflação era de 84%, e o Brasil, no campeonato internacional de inflação, só perdia para a Indonésia, que, naquela época, apresentava uma taxa de 100%. Então o País, com essa taxa inflacionária, não podia realmente oferecer meios técnicos e recursos financeiros para o exercício pleno e satisfatório daquelas profissões. Vê V. Ex<sup>a</sup> que o motivo — como quis fazer crer o eminente Senador Mário Martins e repetindo aquilo que vem se dizendo neste País — não é de ordem política, ou de natureza de perseguição militar; é a fatalidade econômica que naquela época acutilava o Brasil, estrangulando várias vocações e várias oportunidades de desenvolvimento econômico.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito agradecido, nobre Senador Eurico Rezende, pelo seu aparte.

Os nossos cientistas têm, na sua maioria, espírito místico e grande poder de sobrevivência, e anseiam por realizar-se e realizar dentro do país.

“Será isso uma das maiores felicidades da nossa vida” — diz um deles. E mais: “Uma coisa é essencial: a necessidade que encontramos dentro de nós mesmos, uma verdadeira mística, de desenvolver no Brasil a ciência básica e a tecnologia, para que possamos defender o futuro do nosso país e transmitir aos nossos filhos uma nação realmente grande. O cientista que volte deve considerar o país uma trincheira em que lute pelo seu destino.” A opção é para êle esta: marginal nos Estados Unidos ou essencial no Brasil.

Os nossos patrícios que tiveram o privilégio de aperfeiçoar-se em ciência e tecnologia formam lá fora técnicos e pesquisadores, mas o sonho deles é formá-los no Brasil.

— “Se nós tivemos o privilégio de estudar e aprender, de ver e sentir as possibilidades do presente e do futuro, — disseram-me alguns deles — nossa maior ambição é transmitir aos jovens brasileiros os nossos conhecimentos.”

## ENXOTADOS

Referiu-me Roberto Salmeron à sua experiência na Universidade de Brasília. Quando aqui chegou, os maiores cursos não eram os de física, química ou matemática. Conversou com os estudantes, perguntou-lhes porque não estudavam ciências exatas, e mostrou-lhes as extraordinárias perspectivas delas. No ano seguinte, grande parte desses jovens estudava ciência, e de tal modo apaixonados que jamais faltavam às aulas e até lhe datilografavam e taquígrafavam as lições. “Que extraordinária que é a juventude brasileira!” — dizia-me Salmeron, emocionado, na França.

Ouçó isso em Paris e depois, em Washington, anoto estas palavras comovedoras e exemplares também de um cientista brasileiro:

— “Sentimo-nos desajustados em outro país. Para re-

sistir à tentação de voltar, é preciso ter bastante firmeza de convicção na consideração de que melhor servimos o Brasil atualizando os nossos conhecimentos e aguardando que lá se criem condições para que, ao retornarmos, possamos ser mais úteis ao seu futuro.”

O empenho de todos ou quase todos os nossos cientistas emigrados é mesmo voltar ao Brasil, que vive nêles, que “doi” nêles, como diria Eça de Queiroz.

— “Fomos enxotados do Brasil” — ouvi de alguns.

— “O Brasil não quer nada com os seus cientistas” — afirmam-me outros.

### ANÊMICO E DOADOR DE SANGUE

Dir-se-ia que o Brasil se pode dar o luxo de exportar cientistas, como exporta o café. Mas bem ao contrário é o que se verifica. Fazendo-se, em matéria de cientistas, doador de sangue às super-potências, às nações mais ricas, o Brasil vive, todavia, em permanente estado de anemia profunda. Espalhados por numerosos países grandes cientistas brasileiros, e a alguns dos quais já deve o mundo 10% das 200 partículas atômicas até hoje descobertas, vivemos, no entanto, em extrema penúria dêles: nas nossas mais tradicionais Universidades, há cátedras de ciências básicas vazias, fechadas há anos por falta de professôres e de pretendentes a elas. Na Faculdade de Engenharia da Guanabara, já por duas ou três vêzes se abriram concursos para preenchimento de cátedras, e não apareceram candidatos. A cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro está vaga há quatro anos. Ninguém pode viver no Brasil como fisiologista, microbiologista, anatomista, especialista enfim. Na realidade, o magistério e a pesquisa estão se tornando entre nós um privilégio ou dos ricos, que não precisam ganhar com o seu trabalho para pagar as despesas do armazém, ou dos loucos, que rasgam dinheiro e não temem a fome.

Pelas estatísticas de 1955 e 1960 — note-se bem: de há 13 e 8 anos passados —, o Brasil formava dois mil engenheiros

por ano e necessitava de dezesseis a vinte mil. Hoje, evidentemente precisa de muito mais, ou seja, além de dez vezes mais. A proporção quase só corresponde a engenheiros civis e arquitetos. Para mecânicos, eletricitas, metalúrgicos, mineralogistas, geólogos, a proporção é excepcionalmente maior.

Dado impressionante: com a flora fabulosa que possui, o Brasil só formou dois botânicos, em 1967. Não é de surpreender, assim, a recente denúncia de Roberto Burle Marx, segundo a qual o diretor do Jardim Botânico do Rio demoliu uma estufa para em seu lugar fazer um ponto de estacionamento de automóveis, porque a Diretoria de Trânsito acabou com o estacionamento à margem da calçada da Rua Jardim Botânico. Nem é também de surpreender que essências brasileiras saiam daqui para serem estudadas lá fora, e voltem depois em forma de pílulas. O Jardim Botânico não tem, entretanto, por finalidade o turismo mas o estudo da taxinomia, da fisiologia, da parte química das plantas.

#### POR QUE SOMOS O PAÍS DOS BACHARÉIS?

Muito se fala que, no Brasil, não há diálogo entre o Governo e os estudantes e trabalhadores. Eu gostaria de acentuar aqui a falta de diálogo com os cientistas, embora sejam estes essenciais não somente ao nosso desenvolvimento mas também à nossa afirmação como nação independente e democrática. E' fato histórico que a ciência e a liberdade andam juntas: quanto mais se afirmam os avanços científicos, mais se fortalecem as instituições democráticas. O homem é tanto mais livre, tanto maior é o seu bem estar, quanto mais se desenvolvam a ciência e a tecnologia e mais se ampliem as suas conquistas.

Por que, então, o brasileiro não se interessa pelo estudo das ciências básicas, das matemáticas, da física, da química, da geologia, da biologia, da genética, e, ao contrário, se concentra no estudo do Direito? Por que o Brasil é o país dos bacharéis, que entre nós é super-produção, e não o país dos biólogos, dos físicos, dos químicos, de que tanto carecemos nós e o mundo?

Não é difícil a resposta. Em primeiro lugar, formando-nos bacharéis em Direito, podemos nos dedicar a numerosas carreiras, que ou exigem tal diploma ou não exigem diploma algum. Depois, nada mais fácil do que se obter matrícula numa Faculdade de Direito.

Ainda agora, na minha Alagoas, há vagas na Faculdade de Direito e há 114 excedentes da Faculdade de Medicina! E isso se verifica num país com um *deficit* de 40.000 médicos e com 2.700 dos seus 4.000 municípios sem água e esgotos, em péssima situação sanitária, portanto. Num país onde em cada 1.000 crianças apenas 550 têm condições de sobrevivência, quando na Alemanha Ocidental esse número é de 974. Mas não precisa ir tão longe: na Bolívia, 770; e na Africa Ocidental, 650. Acrescente-se que o brasileiro ingere uma média de 18 gramas de proteínas por dia, enquanto o uruguaio 60 gramas e o argentino 50 gramas. Mais de 50% dos nossos patrícios vivem em estado permanente de subnutrição. Faço um parêntesis para repetir que a energia nuclear resolve o problema através da irradiação das sementes e dos alimentos, a qual multiplica a produção das primeiras e conserva por longo tempo os segundos; e acentue-se que sem qualquer possibilidade de contaminação.

Mas, além das dificuldades para estudar, sem laboratórios onde pesquisar e praticar, o jovem que, vencendo tôdas as dificuldades, alcance formar-se, não tem como ganhar a vida na base de seus conhecimentos.

## QUADRO REAL DO ENSINO

O Sr. Eurico Rezende — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Com todo prazer.

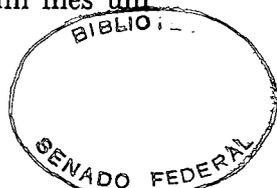
O Sr. Eurico Rezende — V. Ex<sup>a</sup> pinta um quadro real do ensino no Brasil em todos os seus graus. O Brasil, em confronto com vários países da América Latina, está, sob o ponto de vista da matrícula universitária, em termos, digamos assim, de favelado. Veja V. Ex<sup>a</sup> que na Vene-

zuela, que tem uma população pouco superior a treze milhões de habitantes, há 170 mil universitários e o Brasil, com 85 milhões de habitantes, tem apenas 150.000 universitários. A Universidade brasileira está muito bem equipada em termos de Rio e São Paulo. Esta é que é a verdade, embora outras universidades ofereçam certas condições dignas de aplausos e de reconhecimento. Então, proporcionalmente estamos perdendo, em matéria de matrícula universitária para quase todos os países da América Latina. Dizem que a única exceção é o Paraguai. Não tenho certeza mas as crônicas falam isso: retirado o Paraguai, proporcionalmente ao número de habitantes, a menor matrícula universitária é a do Brasil. E com uma diferença enorme, aterradora.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado, Senador Eurico Rezende, pelo seu aparte que ilustra bem o meu discurso.

Realmente, com exceção talvez do engenheiro e do arquiteto, que, no Brasil, têm mais possibilidade de mercado de trabalho, graduados de outras especialidades ficam a ver navios depois que deixam as Faculdades. As indústrias do país somente produzem e vendem, não se interessando por pesquisar, e utilizam apenas técnicos de nível médio, embora se saiba que o simples desenvolvimento econômico cai em ponto morto se não se nutre da ciência e da tecnologia. Sem trabalho nos órgãos oficiais e nas empresas privadas, o jovem graduado brasileiro foge do País tal qual o flagelado do meu Nordeste tangido das zonas áridas pela calamidade da seca. E, como o flagelado da seca, fica na espreita de melhorar o tempo para voltar à Pátria, telúrico, fiel à terra de origem.

Ainda agora, temos a êsse respeito dois exemplos impressionantes. Um jovem brasileiro, Antônio Mazzini, formou-se em 1966 em física nuclear pela Faculdade de Engenharia da Universidade Católica da Guanabara. Passou todo o ano de 1967 à procura de colocação para os seus conhecimentos. Nada conseguiu no Brasil mas acaba agora de ser contratado pela OTAN com 2.000 dólares por mês. Sabe-se que o Brasil precisa de geólogos, pois não tem nem 4% do seu território mapeado. No entanto, há pouco mais de um mês um



jornal de Recife publicava anúncio, oferecendo os serviços de quatro geólogos desempregados.

### EXILADOS NO PAÍS

Há o exílio dos que vão para os Estados Unidos e para a Europa.

Mas há também o exílio dos que, resistentes e teimosos, estudam aqui vários anos, formam-se em química, física, matemática, biologia, genética, e, não encontrando mercado de trabalho para tais conhecimentos, se exilam de sua vocação, abandonam a carreira a que se dedicaram tantos anos e em que o País despendeu tanto dinheiro, e se entregam a outras atividades. Ainda há pouco, numa seleção de cem corretores de imóveis, promovida no Rio por organização habitacional, se encontravam 87 bacharéis em Direito, engenheiros, físicos e químicos.

Mas, pior do que o êxodo dos que partem para não abandonar a carreira que escolheram e lá fora continuam estudando e se aperfeiçoando e elevando o nosso nome para melhor poderem servir ao Brasil de amanhã; pior do que a situação daqueles que, embora não se exilando do país, se exilam, no entanto, de sua vocação e abandonam a carreira para que se formaram; pior do que a situação desses todos, é a dos que, não deixando o país nem deixando a carreira, aqui ficam frustrados e amargurados, estiolando-se dispersados em dois e três empregos, ou passando necessidade com ordenados ínfimos. "Somos exilados aqui dentro" — declaram-me alguns dêles.

São exemplos de que não vale a pena estudar, não compensa mesmo, pois não encontram da parte do seu País a acolhida necessária. São exemplos de todo negativos para a mocidade. Qual o filho de cientista que, vendo o pai marginalizado, necessitado, amargurado, quer seguir a mesma carreira dêle?

Há poucos dias estive no Instituto de Manguinhos e externei êstes pontos de vista para os cientistas que lá mourejam, alguns há mais de trinta anos.

— E' verdade — disseram-me. Nenhum de nos.

sos filhos quis estudar ciências exatas, diante do que se passa conosco.

## PROGRESSO E COMPETÊNCIA

Sr. Presidente:

O progresso pede competência, que é o conhecimento do meio e dos instrumentos, aliado à fé e ao entusiasmo. Não podemos desprezar os competentes mas antes considerá-los essenciais, e estimulá-los a que mais se aperfeiçoem. Já referi a lei japonesa que taxativamente impede sejam nomeados para a Comissão Nacional de Energia Atômica "os incompetentes, os semi-incompetentes, os falidos não reabilitados e os condenados pela côrte criminal à pena superior à do confinamento".

O desinterêsse pela ciência se matriza no desconhecimento de seus avanços, e não há fôrça humana que faça um cego ver e muito menos sensibilizar-se pelo que não vê. Como abandonar a enxada se não se conhece o trator?

Há certo tempo foi aqui publicada uma charge em que aparecia o Brasil ainda habitado pelos índios que, olhando as caravelas de Cabral, a aproximarem-se das nossas praias, indagavam se não era melhor sue não viessem. Vivemos, no campo da ciência e da tecnologia, talvez tão distanciados do mundo moderno quanto os índios do tempo de Cabral. Estamos no Brasil alheios e desatentos aos fabulosos elementos que a ciência e a tecnologia nos proporcionam e sem os quais hoje é impossível promover o progresso.

O SR. PRESIDENTE: (*Pedro Ludovico*) — Lembro ao nobre orador que seu tempo está esgotado.

O SR. ARNON DE MELLO — Peço a V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, mais alguns minutos para concluir

Pior do que o atraso econômico é a falta de conhecimento do que se faz lá fora e é preciso fazer aqui. Temos de ganhar consciência da necessidade absoluta de promovermos quanto antes o desenvolvimento científico, tecnológico e nuclear do Brasil.

## NÚMEROS ILUSTRATIVOS

Acabam de ser publicados pelo Banco Mundial números estatísticos sobre a situação de desenvolvimento de todas as nações dos cinco continentes, e através deles se verifica o atraso alarmante em que se encontra o Brasil.

Em matéria de produto nacional bruto, estamos no octagésimo sexto lugar no mundo.

Quanto a renda *per capita*, se a da Argentina é de 760 dólares, a da Venezuela de 830, a do Uruguai de 550, a do Chile de 480 e a do Panamá de 460, a nossa é de 220 dólares. Estamos também abaixo do Peru, da Colômbia, da Guiana Holandesa, na América Latina; do Gabão, da Líbia, de Uganda, na África; da Turquia, da Albânia, na Europa.

Os nossos 220 dólares por ano, em dinheiro brasileiro querem dizer, ao câmbio atual, 704 cruzeiros, que por mês se reduzem a 59 cruzeiros novos. Eles se perdem se os compararmos com os 3.240 dólares da renda *per capita* dos Estados Unidos, os 2.150 dólares da Suíça ou os 2.130 dólares da Suécia, por exemplo.

E a superioridade da nossa renda *per capita* em relação aos nossos vizinhos — o Paraguai com 200 dólares e a Bolívia com 150 dólares —, precisa ser confrontada com o fato de que as populações desses países são constituídas de 80% de índios primatas, que não conseguiram falar ainda o espanhol.

Precisamos, para atender as nossas necessidades de país com população hoje de 89.400.000 habitantes, de uma taxa mínima de desenvolvimento de 8% ao ano. Que 5% não satisfazem está provado pelos números. A nossa explosão populacional pede cerca de 1.500.000 empregos novos por ano. Em 1966, a julgar pelas carteiras profissionais que o Ministério do Trabalho expediu, tivemos apenas 896.810 empregos, e 45% deles no Estado de São Paulo. Assim 600.000 pessoas a mais ficaram desempregadas em 1967. E não chega a 20 milhões o número de pessoas empregadas no país.

Pelo menos 30 milhões de brasileiros vivem ainda no estado de economia de auto consumo, isto é, vivem comple-

tamente à margem da economia de mercado, não produzindo nenhum excedente econômico para trocar por bens e serviços produzidos por outros. Se nada produzirem, morrerão de fome. Vivem no estágio econômico mais primitivo.

Arquipélago de ilhas econômicas, ainda não interligadas, entre as quais poucas dispõem de condições razoáveis de vida, temos realmente, no Brasil, a sensação de voltar ao passado remoto quando visitamos determinadas regiões, de tal modo se distanciam elas, pelo atraso, da civilização atual.

Um dos desafios que este país enfrenta — e o Presidente da República, seja dito por amor à verdade, o faz com determinação — é o de progressivamente incorporar à economia de mercado, dando-lhes condições para produzir mais e melhor, a esses 30 milhões de párias da sociedade, fôrças anônimas marginalizadas pelos nossos erros praticados ao longo de tempos imemorais.

## POLÍTICA HABITACIONAL

*O Sr. Eurico Rezende* — Permite V. Ex<sup>a</sup> outro aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não.

O SR. PRESIDENTE: (*Pedro Ludovico*) — (*Fazendo soar as campainhas*) — Lembro ao nobre Senador Eurico Rezende que o tempo do orador está esgotado.

*O Sr. Eurico Rezende* — Sr. Presidente, serei rápido, assim como uma semifusa, no meu aparte. Nobre Senador Arnon de Mello, com muita cordialidade, quero discordar do ângulo pessimista do discurso de V. Ex<sup>a</sup>. A taxa de desemprego baixou, e baixou sensivelmente, neste País. E' a opinião da Fundação Getúlio Vargas. V. Ex<sup>a</sup> não precisa ir longe, porque V. Ex<sup>a</sup> reside em Brasília com a sua honrada família, e sabe que, na Capital da República, não há desemprego. De um ano a esta parte, não há desemprego em Brasília. Digo isso, fitando serenamente o eminente Senador Mário Martins (*risos*). E justamente com a sua política habitacional foi que o Govêrno absorveu grande parte da mão de obra ociosa. V.

Ex<sup>a</sup>, consultando as estatísticas oficiais, verá — o Presidente do Senado me advertiu e aceito gostosamente a hierarquia de S. Ex<sup>a</sup> — quanto o Governo tem contribuído para atenuação da taxa de desemprego! Todos os órgãos do Governo Federal, antes da existência do Banco Nacional de Habitação, isto é, antes da Revolução implantar a política habitacional do Governo, construíram através de todos os institutos neste país — falando em número redondo — apenas cento e quarenta mil prédios residenciais. A Revolução, ela só, através da política do Banco Nacional de Habitação, até 1967, construiu duzentos e quarenta mil prédios residenciais. Tudo isto, somado a outros fatores que eu poderia enumerar aqui, mas a advertência do Presidente do Senado não me permite, tudo isso está contribuindo, grandemente, para que se elimine, gradativamente, a maldição do desemprego.

O SR. ARNON DE MELLO — Senhor Presidente, recorro à paciência e à compreensão de V. Ex<sup>a</sup>, porque cerca de um terço do meu tempo foi tomado pelos apartes com que me honraram os nossos colegas.

O SR. PRESIDENTE (*Pedro Ludovico*) — V. Ex<sup>a</sup> poderá continuar com a palavra, após a Ordem do Dia.

O SR. ARNON DE MELLO — Senhor Presidente, dentro de poucos minutos, concluirei. Senador Eurico Rezende: afasto-me do assunto ciência e tecnologia para referir o problema habitacional, que V. Ex<sup>a</sup> trouxe ao debate, e que estudei e dele tratarei em outra oportunidade. Louvo os esforços do Governo, construindo duzentos e quarenta mil residências neste País, mas lembro a V. Ex<sup>a</sup> que o *deficit* brasileiro de habitações é de oito milhões, e há necessidade, anualmente, além de atender a esse *deficit*, de construir mais quinhentas e vinte mil. Quanto ao desemprego, li números constantes das últimas estatísticas oficiais.

## MEDIDAS EFETIVAS

Prosseguindo, Senhor Presidente, na referência aos 30 milhões de brasileiros que vivem ainda no estado de economia de auto-consumo, ressalto que medidas efetivas já foram to-

madas, como início de um processo de recuperação e integração dêles através do estímulo ao desenvolvimento da Amazônia, o crescimento dos investimentos nas áreas de infraestrutura econômica, principalmente no setor de energia e transportes, o aumento acentuado — 30% em 1967 — do crédito agrícola, e trabalhos de extensão rural. Destaque-se ainda a ampliação ao Nordeste da política de garantia de preços mínimos, que hoje abrange o financiamento de 100% do produto, quando no governo anterior alcançava 80%.

Tudo isso é importante, mas nada significará, será uma construção sem alicerces, se não fôr lastreado por uma infraestrutura de desenvolvimento científico e tecnológico. Temos o caso da Amazônia que no começo do século, com a cultura da borracha, muito se desenvolveu, e pouco depois voltava ao atraso com o plantio da hérvea nas colônias inglesas da Asia.

Falemos com absoluta sinceridade. Não critiquemos. Façamos auto crítica. Tivemos em 1967 uma inflação de 25%. O aumento do produto real, nesse mesmo ano, em relação ao do ano anterior foi de 1,6%, abaixo, portanto, da média mínima fixada na Carta de Punta del Este. O produto bruto, em 1966, foi de 3,4% e o de 1967, em tórno de 5%. Neste ano de 1968, precisamos fazer força, muita força realmente, para manter a mesma taxa de inflação e o mesmo crescimento do produto bruto. E' isso desenvolvimento ou marcar passo? Desenvolvimento pelos métodos convencionais não é absolutamente desenvolvimento, e especialmente na nossa situação de atraso, da qual só poderemos sair através da queima de etapas e do recurso ao instrumental do século da ciência.

## TREZE DE MAIO

Um programa de desenvolvimento científico e tecnológico será o nosso "treze de maio", porque nos libertará do subdesenvolvimento tanto como a ausência dele mais nos distanciará a cada passo da nossa independência.

O desenvolvimento da ciência e da tecnologia é condição *sine qua non* para o progresso econômico do Brasil e para a elevação do nível de vida da nossa população. O Sr. Presidente da República e seus Ministros registram, em seus pronunciamentos, a preocupação do Governo em aqui implantar a Revolução Científica que poderá modificar radicalmente o quadro do nosso progresso, como se deu em Israel e como já está ocorrendo em outros países desprovidos de recursos, diante do crescimento avassalador da população, diante da multiplicação de bocas para comer, que neutralizam o aumento do produto nacional bruto. Sejam orgulhosos do crescimento rápido da nossa população e do aparecimento de novas cidades. Mas sejam também realistas. E' preciso adotar sem demora os métodos que afastem de nós o espectro da fome, das doenças e do atraso cultural. O escândalo da miséria pede o protesto e a ação, nunca a conformação ou a omissão. E' preciso reconhecer que o estado de espírito, baseado no amor às liberdades democráticas, o que é certo, e numa cega confiança na prosperidade do nosso país, o que é errado, deve ceder lugar a um estado de espírito mais objetivo, em que as liberdades democráticas não sejam formais e sim reais, aliadas a um progresso seguro, nascido do trabalho racional, dentro da justiça social.

Não podemos permanecer neste compasso de espera, que nos custa caríssimo, pois cada ano da era atômica vale por dez, e nós estamos perdendo tempo desde 1946. Tenhamos em vista que vivemos o século da ciência, dentro do qual tudo se desenrola em termos de incrível rapidez em relação ao passado recente.

Como já se destacou, se o desenvolvimento tecnológico da rádio-comunicação se faz depois de décadas da invenção do tubo eletrônico, hoje a aplicação tecnológica da invenção científica é quase imediata. Os reatores de potência foram instalados na Inglaterra, Rússia e Estados Unidos antes de completados dez anos da descoberta do controle da física nuclear. A produção tecnológica não quer prazo de espera diante da invenção científica. Vejam-se os transistores, os raios *laser*, as comunicações através dos satélites.

E', por outro lado, lastimável, no Brasil, a decalagem existente entre o que fazemos e as necessidades da Nação, em pleno século atômico, enquanto pelo mundo tudo se aproxima, aproximam-se as Nações com os progressos da aeronáutica e das comunicações, aproxima-se a descoberta científica da execução tecnológica, aproxima-se a terra da lua, aproximam-se os indivíduos pelas naves espaciais.

Essa decalagem é grave, e se não lhe emprestamos a devida importância é porque suas consequências funestas só se sentirão *a la longue*. Mas é certo que tais consequências são mais prejudiciais que as calamidades públicas, as inundações, as sêcas ou os terremotos.

## OBSTÁCULOS

Apontem-se alguns dos obstáculos que impedem a aceleração do desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro e que podem ser vencidos sem maiores dificuldades:

a) o obsoletismo de nossas universidades, sem o espírito universitário e sem pesquisas, exigindo uma total reformulação;

b) o desinterêsse ou a falta de meios para o imediato contrato de pesquisadores como refôrço ou renovação dos quadros das universidades e instituições de pesquisas;

c) o baixo nível salarial atribuído ao pessoal científico, acrescido pela uniformidade de tratamento, nivelando docentes improvisados a pesquisadores altamente preparados;

d) a inexistência de um Fundo Nacional de Pesquisas que possibilite o imediato aproveitamento de pesquisadores qualificados através de cursos pós-graduados no país e no exterior;

e) a multiplicação de iniciativas visando à criação de novos centros de pesquisas antes de serem assegurados os meios que permitam o integral aproveitamento do equipamento e da experiência dos centros já existentes;

f) o baixo padrão dos cursos de ciências em vários estabelecimentos de ensino superior gerando profissionais incapazes de atender às exigências da época;

g) a falta de recursos para aquisição de material de consumo e o pagamento de pessoal técnico auxiliar;

h) a pobreza das bibliotecas e a desatualização científica e tecnológica;

i) o desinteresse da indústria pela pesquisa;

j) as dificuldades para o contrato de pesquisadores estrangeiros;

l) a falta de intercâmbio dentro do país, ocasionando ilhas de pesquisas.

## REAÇÃO EM CADEIA

O Brasil tem 6.000 pesquisadores com produção científica original de nível internacional e apenas pouco mais de 14.000 engenheiros com atividade na indústria.

E' preciso convir que a revolução científica, indispensável ao desenvolvimento, só pode ser feita com cientistas que formem cientistas e estabeleçam uma reação em cadeia, aglutinando-se todos para melhor utilização do equipamento disponível e para permitir que se atinja a massa crítica indispensável ao início da reação. Em outros termos, à explosão demográfica, à explosão dos problemas da fome e da miséria, do analfabetismo e das doenças, nós devemos opôr as explosões da ciência que nos dá a descoberta de novos horizontes, e da tecnologia que, com o aproveitamento das criações da ciência, nos dá a solução dos nossos problemas como ponte para o desenvolvimento.

Não podemos continuar sendo como há cinco séculos o país dos bacharéis e o país do futuro. Sejamos o país dos físicos, dos químicos, dos biólogos, dos matemáticos e assim, o país do presente, mesmo porque na era nuclear o presente já é o futuro.

## TAREFA DE TODOS

A tarefa a realizar é imensa, e não pode ser obra de um partido, do Governo só, mas de todos nós, das elites como do povo. Falo sem partidarismo, falo como brasileiro. A responsabilidade é nossa também, quer sejamos da oposição, quer do governo. Se cada qual fizer a sua parte, apoiando e estimulando as medidas destinadas à solução dos problemas, o desenvolvimento brasileiro será uma realidade.



Composto e Impresso na  
**GRÁFICA EDITORA SÃO PEDRO**  
Indústria e Comércio S/A  
(Organização Arnon de Mello)  
Maceió — Alagoas

Senado Federal



SEN00020202